

# Discursos do sujeito coletivo de professores sobre *bullying*

Ediane de Mattos Claro 

Faculdade Paschoal Dantas

Raquel Aparecida de Oliveira da Silva 

Faculdade Paschoal Dantas

Márcia Alves Simões Dantas 

Faculdade Paschoal Dantas

Janaína da Silva Gonçalves Fernandes 

Centro Universitário Fieo - UNIFIEO

## Resumo

O objetivo desta pesquisa foi identificar as percepções de professores do Ensino Fundamental sobre *bullying*. O método utilizado foi a abordagem qualitativa do tipo descritivo exploratório. Participaram dez professores do Ensino Fundamental de instituição de ensino pública localizada na região Leste de São Paulo. Para coleta dos dados, utilizou-se questionário estruturado com perguntas fechadas e abertas. Os dados foram analisados com o apoio da Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados apontaram que estes professores atribuem as práticas de *bullying* à agressão, ao *cyberbullying*, à opressão como forma de poder e indicam a orientação como forma de respeito. Considerou-se que o *bullying* é uma prática de violência existente no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Conscientização; Relação aluno-colegas; Violência na escola.

## Abstract

### *Discourses of the collective subject of teachers about bullying*

The aim of this research was to identify the perceptions of elementary school teachers about bullying. The method used was the qualitative approach of the descriptive exploratory type. Ten primary school teachers participated in a public education institution located in the eastern region of São Paulo. For data collection, a structured questionnaire was used with closed and open questions. The data were analyzed with the support of the Technique of the Discourse of the Collective Subject. The results pointed out that these teachers attribute bullying to aggression, cyberbullying, oppression as a form of power and indicate orientation as a form of respect. It was considered that bullying is a practice of violence existing in the school environment.

**Keywords:** Awareness; Student-colleagues relation; Violence in school.

## Resumen

### *Discursos de la asignatura colectiva de profesores sobre el bullying*

El objetivo de esta investigación fue identificar percepciones de maestros de escuelas primarias sobre acoso escolar. El método utilizado fue enfoque cualitativo del tipo exploratorio descriptivo. Diez maes-

tros de escola primaria participaron en institución de educación pública ubicada en región oriental de São Paulo. Para recolección de datos, se utilizó un cuestionario estructurado con preguntas cerradas y abiertas. Los datos fueron analizados con apoyo de la Técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. Los resultados señalaron que estos maestros atribuyen acoso escolar a la agresión, al acoso cibernético, a opresión como una forma de poder e indican la orientación como una forma de respeto. Se consideró que acoso escolar es una práctica de violencia existente en entorno escolar.

**Palabras clave:** Conciencia; Relación estudiante-compañeros; Violencia en la escuela.

## Introdução

A origem da palavra *bullying* é do inglês *bully*, que significa valente, briguento e ditador, traduzida para a língua portuguesa para explicar o comportamento violento de alguns indivíduos (PIGOZI, MACHADO, 2015). *Bulli* ainda é nome de um game eletrônico norte-americano, no qual o cenário do jogo ocorre em ambiente escolar mal-estruturado, com alunos briguentos, violentos que aterrorizam outros estudantes (BANDEIRA, HUTZ, 2012). Pigozi e Machado (2015) colocam que, nos dicionários, o *bullying* é descrito como a atuação de ofender, insultar, maltratar, enfim não há conclusão que defina todo o seu conceito.

Segundo Fante (2005) a palavra *bullying* é utilizada para se referir as práticas de violência, mas alguns países têm uma palavra nativa para designar o *bullying*, tais como: a Noruega, Dinamarca, Finlândia e Suécia utilizam a palavra *mobbing*, que significa tumultuar. Os italianos descrevem como *prepotenza*, na Espanha, identificam como atos de *intimidación* e, no Japão, emprega-se *yjime*.

Conforme Pigozi e Machado (2015), o *bullying* é um fenômeno presente dentro das instituições públicas e particulares de ensino. Neste sentido, o bullying pode ocorrer entre alunos de diversos contextos sociais, tornando-se, assim, uma preocupação não somente para escolas, mas também para a família e para toda a sociedade. Além disso, o *bullying* deve ser visto como um problema de saúde pública.

A violência dentro dos ambientes escolares tem se expandido na sociedade contemporânea, atingindo diferentes contextos. Apesar de o fenômeno não ser recente nas instituições escolares, ele vem atingindo novas formas de violência nos países mais desenvolvidos e também no Brasil (PIGOZI, MACHADO, 2015; BECKER, KASSOUF, 2016; SCHLEGELMILCH et al., 2017). O *bullying* denota a implicação, de repressão, intolerância, maus-tratos, vexação que persiste por muito tempo, que acaba por fazer com que as vítimas se submetam ao agressor passivamente, sem questionar (MALTA et al., 2019).

Para que os docentes entendam o que é *bullying* se faz necessário um estudo sobre o termo de forma abrangente, que motive a procura das causas do fenômeno e como ele está sendo discutido e acontecendo na educação brasileira, nas comunidades escolares e extraescolares (SILVA, ROSA, 2013).

Portanto, o presente estudo parte da suposição de que o *bullying* é uma prática de violência que compromete o bom funcionamento escolar, que precisa ser discutido e analisado em toda sua complexidade. De tal modo, a problematização gerada em torno do termo *bullying* remete a compreender o que os professores entendem sobre o fenômeno. Para melhor entender o fenômeno do *bullying* no ambiente escolar na percepção de docentes, o objetivo desta pesquisa foi identificar as percepções de docentes do Ensino Fundamental sobre *bullying*.

## O fenômeno do *bullying* nas escolas

As práticas do *bullying* entre os alunos estão acontecendo cada vez mais dentro das instituições de ensino. Os praticantes de *bullying* se comportam de modo agressivo e cada um age conforme a sua natureza, que podem ser classificadas como: agressões físicas, verbal, moral, psicológica e sexual. Sendo assim, o *bullying* se divide em dois tipos: o *bullying* direto, que são as agressões físicas e verbais, empurrões, esmurrar, chutes, roubar os pertences das vítimas, colocar apelidos, e o *bullying* indireto, que é mais suave, porém não menos danoso, pois ocorre por meio de rejeição, calúnia, exclusão social, entre outros (COELHO, 2016).

Os maiores índices de práticas de *bullying* nas escolas estão relacionados com alunos do sexo masculino, seja como agressores ou vítimas. Neste contexto, pode se observar uma constância com o *bullying* direto, físico e verbal associado aos garotos; enquanto as meninas praticam o *bullying* indireto, por meio de xingamentos e isolando outras garotas. Ainda, observou-se que quanto menos idade e menor grau de escolaridade mais propício este aluno estará a se tornar vítima de *bullying*. Em relação aos agressores do sexo masculino, a idade destacada é de 11 a 14 anos (BANDEIRA. HUTZ, 2012; RISTUM, 2010).

O *bullying* pode ser entendido como a intimidação de poder e superioridade em relação ao outro. Dentro deste contexto, todos os participantes de um cenário de *bullying* podem ser identificados como vítimas, agressores e testemunhas. O que não se pode afirmar é a conduta que estes protagonistas vão adotar, pois esta tomada

de posição será de acordo com a personalidade de cada indivíduo, diante do fenômeno (LOPES NETO, 2005).

A escola é primordial para o ser humano em desenvolvimento, mas, para aqueles alunos que não a estimam, existem grandes chances de demonstrarem suas frustrações por meio de comportamentos rudes, procedendo de maneira agressiva, e/ou mesmo afetando sua saúde em diversos aspectos. A boa convivência com os colegas de maneira harmoniosa beneficia um excelente rendimento escolar, uma vez que possibilita uma conexão objetiva e positiva dos alunos (LOPES NETO, 2005). Deste modo, a receptividade pelos colegas é essencial para extensão da saúde de alunos aprimorando suas capacidades sociais de resistência e luta frente das circunstâncias de conflito.

Na concepção de Chalita (2008), os autores do *bullying* são alunos famosos, bem conhecidos dentro das escolas, que querem se destacar perante os outros alunos e chamar a atenção. Conhecidos como briguentos, eles intimidam e coagem as vítimas por motivos banais para constranger os colegas de forma autoritária e se sentirem superior a eles.

Para Carth (2012), há uma fragilidade na qual o autor do *bullying* se esconde inconscientemente para descarregar sua raiva e se sentir superior. Este agressor pode estar motivado por mau exemplo do comportamento familiar e, neste caso, o ato de violência praticado pelo agressor pode ser resolvido como uma conversa com os familiares e com apoio da equipe gestora escolar. Os alunos violentos podem estar agindo agressivamente por não saberem lidar com seus conflitos emocionais e familiares, não sabendo exteriorizá-los.

Os alunos que praticam o *bullying* são nomeados de *bullies*, se mostram sempre agressivos e sem paciência para com os demais colegas, são indiferentes e não respeitam o próximo. Os *bullies* utilizam-se de brincadeiras e se divertem através do sofrimento dos colegas ou se comportam de maneira violenta para se tornarem o popular e admirado na escola. Existem aqueles que agem de forma agressiva como estratégia de defesa ou estão reproduzindo o que sentiram na pele, ou seja, um dia foram vítimas de *bullying* (GUILLAIN, 2012; MOURA, 2013).

As vítimas de *bullying* são passivas à violência e geralmente são indivíduos de físico franzino, se comparados com os agressores. Os pais costumam ser muito protetores. Elas sofrem e não se defendem, pois possuem autoestima baixa, se sentem inferiores por serem sensíveis e depressivas. Apresentam comportamentos antisso-

ciais, são retraídas, também se isolam socialmente e não têm muitos amigos. Diante destas situações não encontram coragem para se defender e convencer seus agressores a pararem de persegui-las e importuná-las (FANTE, 2005).

Tognetta (2005) explica que as vítimas se afastam dos seus colegas, pois não recebem apoio, nenhuma maneira de ajuda por parte deles e sequer conseguem ter a atitude de se impor perante os seus agressores. Os demais alunos, temendo serem os próximos alvos, se afastam e evitam estar junto daqueles que são hostilizados. As vítimas acabam se acostumando com o sofrimento e se sentem cada vez mais aterrorizadas e inseguras, por isso se calam e não fazem denúncias.

As testemunhas não estão ligadas diretamente com as práticas de *bullying*, mas estão presentes durante as agressões dentro do ambiente escolar. Não defendem os alunos agredidos e nem se juntam com os alunos que praticam o *bullying*, talvez por medo de vingança por parte dos agressores ou de serem os próximos alvos. Diante disso, estes telespectadores assistem situações de violências e ficam calados (SILVA, 2010; TOGNETTA, 2005).

De acordo com Silva (2010) os telespectadores podem ser divididos em três tipos:

1) os passivos que são os que não estão de acordo com as atitudes dos *bullies*, mas não sabem como ajudar diante da situação de violência e ficam com medo de também serem agredidos. Esse grupo está predisposto a sofrer psicologicamente, porque presenciam cenas de *bullying* e ainda porque são frágeis emocionalmente;

2) os telespectadores ativos são aqueles que não agem com os *bullies*, porém incentiva-os moralmente para que ocorra a violência dando risadas e se divertem quando estão presenciando os agressores. Eles são os verdadeiros motivadores que planejam o ataque e depois se escondem, olhando e se satisfazendo em ver a confusão acontecendo;

3) os telespectadores neutros são aqueles que convivem diariamente com a violência em seus lares e comunidade, não se sentem incomodados, se mostram indiferentes diante do cenário de *bullying*. Não demonstram nenhum incômodo e nem sensibilidade, pois, para eles, isso é normal devido à realidade em que vivem socialmente.

De qualquer maneira, os telespectadores contribuem para que a violência aconteça, visto que são omissos diante dos agressores, alimentando a impunidade dos praticantes. Contudo, essa atitude por parte dos telespectadores ajuda para que o crescimento da violência continue a existir dentro das escolas.

O *bullying* dentro das escolas pode ter consequências devastadoras para todos que participam desse ato de violência. Alguns alunos podem desenvolver dificuldades de aprendizagem, problemas de saúde (mental e/ou problemas físicos), que podem levar a quadros de ansiedade e depressão e provocar a evasão escolar (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; MOURA, 2013).

Moura (2013) explica que as vítimas do *bullying* podem desenvolver problemas de ordem emocionais, como vingança e ainda podem surgir a desordenação dos sentimentos levando-os em alguns casos a cometer o suicídio. Os agressores podem sofrer desprezo por parte das pessoas que desaprovam essas atitudes violentas e, por isso, as pessoas as isolam.

As consequências do *bullying* são prejudiciais a todos os envolvidos, uma vez que poderá gerar diversos problemas no âmbito da saúde e marcas que podem ficar registradas no corpo e na mente dos indivíduos.

Pessoas que sofrem com o *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultas. Da mesma forma, quando mais jovem for à criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos e pouco duradouros (LOPES NETO, 2005, p. 5).

Os danos são variados e a reação de cada indivíduo vai depender do apoio recebido do ambiente familiar e social que elas estão inseridas, além do nível de intensidade da violência. Porém, as vítimas sofrem com o *bullying*, seja ele de qualquer tipo, ou seja, com menor ou maior intensidade (COELHO, 2016).

Os problemas mais frequentes são o abandono escolar, problemas cognitivos e de comportamento, problemas psiquiátricos, síndrome do pânico, medo extremo de ir para escola, medo, desconfiança das pessoas, náuseas, entre outros. Aqueles que assistem podem se tornar pessoas aflitas, preocupadas e, possivelmente, terá sua vida escolar comprometida (FANTE, 2005; RISTUM, 2010; ROSA, 2010).

Segundo Baggio, Palazzo e Aerts (2009), a escola deve identificar e auxiliar os alunos em situações problemáticas tendo em vista que ela é modelo de conduta de comportamentos e relacionamentos, que podem, sim, prejudicá-los. A escola precisa preservar a saúde dos alunos, pois o ambiente escolar, familiar e os laços de amizade são de grande importância para uma vida plena e o desenvolvimento saudável de seus membros.

## Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo que possibilitou uma investigação que organiza as circunstâncias específicas de levantamento do senso comum para relacioná-lo com os saberes científicos. A pesquisa foi realizada em Instituição Pública de Ensino Fundamental, localizada na região Leste de São Paulo. Esta instituição de ensino foi escolhida para realização da pesquisa devido ao fato de estar localizada em região considerada vulnerável e de risco social pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) (SÃO PAULO, 2015). Os participantes que contribuíram com a realização dessa pesquisa foram: 10 professores atuantes do 2º ano do Ensino Fundamental I até o 6º ano do Ensino Fundamental II, sendo nove do sexo feminino e um do sexo masculino, que declararam estarem de três a 15 anos na docência. O critério que foi utilizado para escolha destes professores parte da hipótese que os episódios de *bullying* começam a despontar entre os alunos do Ensino Fundamental.

Conforme Erikson e Erikson (1998), a idade escolar que antecede a adolescência (seis a 12 anos) abrange a fase que pode ocorrer uma contraposição no desenvolvimento psicossocial do indivíduo: necessidade de se sentir capaz e produtivo, em contraponto com sentimento de inferioridade, que pode ser causado no déficit das relações interpessoais. Logo, estes profissionais da educação devem presenciar episódios de *bullying* com este público específico e, por essa razão, podem descrever o comportamento dos alunos uns com os outros no ambiente escolar.

Foi adotado para presente pesquisa um diário de campo para coletar os dados observados no cotidiano da sala de aula e demais ambientes da instituição de ensino. Na sequência foi utilizado questionário estruturado, com questões abertas elaboradas pelas próprias pesquisadoras, que são elas: 1) Como você define o termo *bullying*? Cite cinco expressões. 2) Em sua opinião, o *bullying* é um fenômeno recente? Explique. 3) O que leva as pessoas a praticar o *bullying*? 4) Você já presenciou alguma forma de violência dentro da sala de aula que você atua? Qual foi a sua atitude?

Esta pesquisa foi realizada com a permissão da diretora responsável pela instituição. Inicialmente foi explicado aos participantes o objetivo da pesquisa, onde sua participação seria voluntária e os nomes não seriam expostos e a finalidade seria apenas científica. Depois de ter esclarecido as dúvidas, foi entregue um questionário para ser respondido pelos professores participantes de modo individual. Todos os ques-

tionários foram devolvidos totalmente preenchidos para as pesquisadoras após uma semana, contando da data que ele foi entregue aos professores.

Os dados foram analisados, com apoio da Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC é um instrumento que organiza os dados, ou seja, as respostas dos participantes, com a estratégia de se extrair as ideias socialmente compartilhadas. A análise do DSC retira dos depoimentos as expressões-chaves que são os recortes que melhor representam os conteúdos do discurso. O segundo passo é sintetizar de maneira precisa, a ideia central revelada na narração, possibilitando as categorizações. Por fim, o DSC resulta da síntese registrada na primeira pessoa do singular associando às expressões-chaves que possui a mesma ideia central (LEFÈVRE, LEFÈVRE, 2005).

## Resultados e discussões

A partir dos recortes das expressões-chaves similares contidas nas respostas dos dez professores participantes a respeito do *bullying* foram construídos quatro DSC, em que foi possível inferir quatro categorias que foram pautadas nas ideias centrais de cada discurso: 1) Agressão; 2) *Bullying* e *ciberbullying*; 3) Opressão como forma de poder; 4) Orientação para o respeito.

**Agressão:** Como você define o termo *bullying*. Cite cinco expressões.

*Bullying* é uma prática de agressão que intimida, ofende, magoa, humilha e desrespeita as pessoas, por meio de violência física, verbal (palavras) e não verbal (gestos) repetida vezes em ambientes escolares, que envolve transtornos psicológicos. Estas atitudes criam situação de constrangimento perante o próximo, uma vez que discrimina ou perturba outra pessoa utilizando-se da aparência ou de algum detalhe preconceituoso de cor, raça e etnia. Ainda utilizam-se apelidos pejorativos que provocam tristeza, como, por exemplo, pretinho, gordinho, baixo, magrelo esquisito ou mesmo ameaças de brigas (DSC construído a partir das respostas dos 10 professores participantes da pesquisa).

***Bullying* e *ciberbullying*:** Em sua opinião o *bullying* é um fenômeno recente? Explique.

O *bullying* não é algo recente, o termo que é novo, pois é um fenômeno que sempre existiu e ocorreu, desde a existência do ser humano. Os seres humanos sempre agiram tentando aparentar ter mais poder que seu semelhante. A prática acontece há décadas dentro das escolas, o que preocupa. Porém agora esteja mais ligada à violência, pois é tratado como agressão. A diferença é que apenas ganhou força com os meios de comunicação, as mídias sociais e avanços tecnológicos que se expandiram de forma avassaladora (DSC construído a partir das respostas dos 10 professores participantes da pesquisa).



### Opressão como forma de poder: O que leva as pessoas a praticar o *bullying*?

As pessoas que praticam *bullying* têm os objetivos de ofender e magoar a outra pessoa. Querem se sentir mais fortes e poderosos que o outro, querendo se aparecer diante das pessoas que estão ao seu redor. Eles possuem a necessidade de chamar a atenção para si através da degradação da imagem do próximo. Tornar o outro inferior faz com que eles se sintam superiores, por isso eles gostam da sensação de fazer o outro se sentir inferior. Esse autor do *bullying* não apreendeu a transformar sua raiva em diálogo. Nos casos que presenciei os alunos queriam tirar o foco de si mesmo. Existem também o preconceito e a falta de orientação de todos, porque não sabem que todos nós somos iguais. Às vezes, o exemplo vem de casa, com agressões verbais dos próprios pais e da própria educação recebida por eles. Acho que dentro das escolas a pessoa que pratica o *bullying* coloca para fora a violência que ele mesmo vive. E no final acham que é somente brincadeira (DSC construído a partir das respostas dos 10 professores participantes da pesquisa).

Orientação para o respeito: Você já presenciou alguma forma de violência dentro da sala de aula que você atua? Qual foi a sua atitude?

Sim, muitas vezes presenciei violência dentro da sala de aula. Desde quando iniciei minha trajetória na educação isso ocorre com frequência. Quando acontece em minha sala de aula primeiro procuro advertir e reprimir, ou seja, peço para que parem de brigar. Minha atitude é fazer um debate sobre o tema e conversar muito com os envolvidos tentando fazê-los ver que esse tipo de comportamento deve ser evitado e que o respeito ao outro é o mais importante. Procuro apaziguar a situação e demonstrar a importância da diversidade na sociedade humana. Depois converso com todos os alunos os acalmando e deixando claro que a escola e a professora podem ajudá-los. É necessário orientar para que não ocorra novamente a ofensa e agressão física. Se caso persistir converso em particular, tentando alertar sobre o *bully*. Sempre trago temas e desenvolvi projetos que incentivam o respeito, empatia, boa convivência e a melhora da autoestima (DSC construído a partir das respostas dos 10 professores participantes da pesquisa).

Freire (2014) atribuía a opressão dos indivíduos a uma sociedade individualista que precisaria ser transformada, na qual os sujeitos precisavam aprender a ver o mundo além dos muros das escolas e se reconhecer com sujeito histórico-social, que, ao se reconhecer como oprimido, teria que buscar as práticas de sua própria libertação. Neste contexto, a escola tem que exercer uma função importante na construção e formação de sujeitos levando a serem reflexivos e críticos perante o sistema opressivo em que vivem.

O processo de libertação é essencial para que seja possível acontecer melhorias, há uma necessidade de diálogo, se não existir, a violência acontece. Quando se trata de *bullying*, vem à agressão pessoas que ficam nervosas, pois não enxergam a si próprias e muito menos as outras. E o que vai soar nas palavras que ninguém liberta ninguém, pois no mundo existem relações, pessoas que interagem entre si, e logo surgirão conflitos.

O que vai valer é a lei dos que podem mais, as relações ficam fora de controle, pessoas dominadoras que expõem somente suas ideias não dão espaço para que outras exponham suas opiniões. E estas situações que se tornam difíceis vêm acontecendo dentro das famílias, escolas, com alunos e professores. É neste cenário que o professor irá levantar enquête sobre a realidade vivenciada pelo aluno. É essencial o professor ser investigador. Investigar e ter a sensibilidade de promover a mudança, por meio desta investigação.

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa, ficou nítido que os dez professores de Ensino Fundamental, no qual o questionário semiestruturado foi aplicado, percebem situações de *bullying* dentro do ambiente escolar em que lecionam. Fante (2005) foi uma das primeiras estudiosas a se interessar pelo termo no Brasil definindo de forma esclarecedora, facilitando o entendimento sobre o fenômeno *bullying*. De acordo com a autora:

[...] *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida dos outros alunos levando-os a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28 e 29).

Foi possível perceber que os professores entrevistados abordam sobre o tema *bullying* e dialogam com os alunos sempre que necessário. As seguintes respostas foram observadas: “Sim, já presenciei sempre trago temas que envolvam respeito, boa convivência” (professor 1); “Sim presenciei, adverti, reprimi e conversei bastante com os alunos” (professor 2); “Sim, no momento pedi que parassem de brigar e os orientei sobre a ofensa e agressão física” (professor 3); “Sim, vários. Isso acontece com frequência em sala de aula. Iniciei uma socialização sobre o tema, e na aula seguinte trouxe texto, reflexão sobre *bullying*, filme, trabalho em equipe” (professor 4); “Sim, muitas vezes. Desenvolvi projetos que melhoram a convivência, através do respeito, empatia e melhorando a autoestima” (professor 5).

As respostas dos professores continuam no mesmo sentido de diálogo e orientação, como é possível observar a seguir: “Muitas vezes. A minha atitude foi fazer debate sobre o tema e conversar muito com os envolvidos” (professor 6); “Várias vezes. Converso muito com os meus alunos por isso, tento fazê-los ver que esse tipo de comportamento deve ser evitado e o respeito ao outro é mais importante”

(professor 7); “Sim. Desde que iniciei minha trajetória na educação, sempre converso com as crianças, sobre respeito. Quanto acontece primeiro converso com todos os alunos e se o caso persistir converso particularmente, tentando alertar o *bullying*” (professor 8); “Sim. Oriento para que não ocorra novamente” (professor 9); “Sim, procuro apaziguar a situação e demonstrar a importância da diversidade na sociedade humana” (professor 10).

Em relação ao *bullying* ser um fenômeno recente ou não, os professores foram unânimes em suas respostas dizendo que não, que ele sempre existiu. Neste sentido, se compreende que a violência escolar, brigas, xingamentos, agressões físicas, constrangimentos, sempre ocorreram dentro da sociedade como um todo e não se pode atribuir o *bullying* somente a conflitos escolares. O *bullying* é uma via de mão dupla presente dentro e fora das escolas.

Com relação aos estudos de como o termo surgiu no Brasil, se pode citar o pensamento de Chalita (2008), que atribui os primeiros estudos e protocolos sobre o fenômeno *bullying* no Brasil à professora Marta Canfielde e demais colegas no ano de 1997, que procuraram entender as práticas do *bullying*, analisando as atitudes comportamentais dos alunos através do questionário adaptado da versão original de Dan Olweus. Alguns anos depois, em meados dos anos 2000 e 2003, outras escolas no Rio de Janeiro e interior de São Paulo começaram a analisar a violência escolar com objetivo de combater o *bullying*.

Na sequência são apresentadas algumas respostas dos professores referentes ao fenômeno do *bullying* ser recente ou não em suas concepções: “Não é um fenômeno que existe, desde a existência do ser humano” (professor 3); “Não, os seres humanos sempre agiram tentando aparentar ter mais poder que seu semelhante. A meu ver isso ocorre desde sempre” (professor 8); “Não, acontece há muito tempo. Apenas ganhou força com os avanços tecnológicos” (professor 5); “Não, sempre existiu, acredito que nos dias atuais esteja mais ligada a violência, o que preocupa” (professor 1); “Não, a prática já existe há décadas, a diferença são os meios de comunicação que só expandiu de uma forma avassaladora” (professor 6).

Segundo Maldonado (2011), o *cyberbullying* é uma nova modalidade de *bullying* que ocorre através de meios tecnológicos no qual o agressor também maltrata as vítimas das piores formas possíveis. O que se faz condizente com a resposta do professor 6 no que se refere ao *bullying* quando perguntado se ele é um fenômeno recente.

Os professores atribuíram o fato de os indivíduos serem *bully* a algumas concepções diferentes como: família, a falta de orientação por parte de todos, perversidade, superioridade perante o outro, opressão, dentre outras. É recomendável refletir quando se trata de comportamentos humanos, principalmente no que condiz com a manifestação de violência, não se devem atribuir somente a um fator ou outro de maneira isolada.

Vários fatores devem ser levados em consideração, uma vez que o ser humano que tem suas próprias peculiaridades, cada pessoa vai agir, irá pensar e sentir, diferente uma das outras. Os fatores para que se possam entender tais comportamentos devem ser analisados sobre diversos ângulos: 1) fatores externos, social, cultural, familiar; 2) fatores internos, emocionais, psicológicos, dentre outros. Por isso, tampouco se pode culpar os alunos por comportamentos violentos dentro do ambiente escolar, como dá a entender pelos relatos de alguns desses professores.

Uma educação para a moralidade deve objetivar o desenvolvimento da personalidade e das ações dos seres humanos. Um dos caminhos para o resgate das virtudes e valores, não só no ambiente educativo, mas na sociedade de modo geral, está nas vivências que proporcionam aos indivíduos, desde a mais tenra idade, experiências (conflitos cognitivos) que possam permitir a evolução das crianças pelos estágios da moral, construindo conceitos cada vez mais sólidos (LINS, SOUZA, 2018, p. 5).

Na perspectiva de Freire (2014), a perversidade humana é algo que vem da sociedade, porque os indivíduos vivem dentro de uma sociedade oprimida e essa opressão ocorre desde o momento dos seus nascimentos. O opressor passa a se sentir cada vez mais poderoso mais forte, cada vez mais superior ao oprimir o oprimido, que por sua vez não tem forças para lutar e ir à busca de sua libertação, pois vive em uma sociedade injusta, desigual onde os mais fortes sempre estão em vantagens exercendo seu poder e assim vai oprimindo humilhando cada vez mais o mais fraco.

Quando não ocorre a libertação por meio da educação, o oprimido passa a almejar ser o futuro opressor, pautado no pensamento de que se fizeram comigo ontem, hoje faço com os outros. Neste contexto, a escola tem o papel fundamental para desenvolver a criticidade em seus alunos, ampliando suas visões de mundo (FREIRE, 2014).

As respostas dos professores apresentadas na sequência corroboram com a ideia sobre a necessidade de opressão como forma de poder e/ou autoafirmação: “Nos casos que presenciei, os alunos queriam tirar o foco de si mesmo. Tornar o outro inferior faz com que ele se sinta superior” (professor 5); “O sentimento de ser mais forte

mais poderoso que o outro” (professor 8); “O preconceito e a falta de orientação de todos, por não saber que todos nós somos iguais” (professor 3).

Os pais exercem papel fundamental para que seus filhos tenham uma educação de qualidade, pois os indivíduos em desenvolvimento apreendem e reproduzem aquilo que vivenciam no dia a dia (LINS, SOUZA, 2018). De qualquer modo, não se pode afirmar que uma criança que protagoniza cenas de *bullying* no ambiente escolar ou fora dela pratica violência porque convivem ou não com pessoas violentas em ambientes totalmente desestruturados, pois muitos são os motivos que levam uma pessoa ser um *bully* (CHALITA, 2008; CARPENTER. FERGUNSON, 2011; SILVA. ROSA, 2013).

Rosa (2010) relata que muitas são as causas de *bullying* no ambiente escolar, que o mau comportamento dos alunos é o principal fator que ocasiona a violência dentro das escolas, e as razões para as agressividades são diversas entre elas estão: conflitos entre pais e filhos, pais permissivos, desigualdade social, pedofilia, falsas amizades etc. O professor diante de diferentes realidades não está preparado para auxiliá-los. Vale ressaltar que a falta de interesse por parte dos alunos em apreender também influencia para que ocorra a indisciplina.

Uns dos professores atribuiu o fato de o aluno ser *bully* à própria família, por questões culturais, de criação passada de geração a geração. A seguinte resposta exemplifica esta alusão: “Às vezes, o exemplo vem de casa, com agressões verbais dos próprios pais e da própria educação recebida por eles pais” (professor 6).

Segundo Pigozi e Machado (2015), meninos e meninas são criados de maneira diferente dentro da sociedade, influenciando e direcionando o desenvolvimento e comportamento de cada um. Os meninos são agressivos desde pequenos e, assim, seguem até chegarem à maturidade. Tais comportamentos são atribuídos a pensamentos machistas por imposição social e cultural, que impulsiona ainda mais a violência contra as mulheres. Ambos têm diferentes entendimentos sobre violência dentro da escola. As meninas percebem as agressões através de palavras, falta de respeito, desprezo, falsidade. Os meninos, por meio de baderna, roubo, homicídio, agressão física e verbal. Tanto os meninos quanto as meninas vão entender a violência por meio de diferentes entendimentos das palavras e ações.

Os alunos precisam ser orientados de que o *bullying* não é uma simples brincadeira, e que não é legal agredir colegas com palavras e nem com agressões físicas. É indicado que os indivíduos de um modo geral realizem um exercício diário para

estimular a tolerância e o respeito contínuo entre todos, seja no ambiente escolar ou fora dele. Por mais que o *bullying* seja um tema polêmico, que pode gerar certo desconforto, ele deve ser discutido. Não se deve mais fazer vistas grossas e fingir que o problema não existe, pois os alunos que sofrem *bullying* constantemente nas escolas estão propensos a traumas, trazendo consigo sequelas, medos, ansiedades, dificuldades de relacionamentos e tantos outros. Não se pode mais aceitar pessoas dizendo que esta geração é de “*mimimi*”, que em outras épocas as pessoas não desenvolveram traumas.

As pessoas possuem dificuldades de se aceitar como são, pois estão sempre preocupadas em estar dentro dos padrões de beleza, não aceitando ser magra demais ou gordinha, ter os cabelos crespos, bem como apresentam insatisfação com seus tons de suas peles. Será que essa necessidade de aceitação não é um reflexo de *bullying* sofrido no passado? Será mesmo que o *bullying* que sofreram não os atingiu em nada? Quando o episódio é sentido e vivenciado é difícil dizer que *bullying* é somente frescura.

De acordo com Silva (2010), brincadeira é quando todos se divertem juntos em determinadas situações, quando todos riem de um comentário, de um mesmo assunto, de uma mesma piada. Deste modo, pode ser considerada brincadeira, se não ofender e ridicularizar o outro. Pela expressão da pessoa que ouve, por vezes é possível notar, que o comentário ou a brincadeira foi de mau-gosto, se teve a intenção de ferir, de machucar. A resposta do professor corrobora esta ideia: “Achar que é somente brincadeira” (professor 9).

Estar atento às percepções de *bullying*, combater, fazer enfrentamentos, dialogar são atitudes que devem ser feitas por todas as autoridades escolares juntamente à família dos envolvidos. Além de discutir com todos os alunos os malefícios que o fenômeno pode ocasionar na vida escolar e social deles, uma vez que o *bullying* deve ser visto como expressão de ódio e não de brincadeira.

Estes alunos de hoje serão os adultos de amanhã e estarão atuando efetivamente dentro da sociedade, como maridos, esposas, pai, mães, patrões, empregadores, entre outros. Sendo assim, poderão replicar e potencializar as violências vividas seja elas as vítimas ou os agressores que passaram por situações de *bullying*, e não houve ninguém preocupado em corrigir o problema.

As práticas de violência dentro das escolas não devem ser preocupações somente dos professores, e o tema não deve ser discutido somente quando a violência já ocorreu. O tema também deve ser abordado preventivamente, para que a gestão es-

colar venha a desenvolver procedimentos de prevenção e combate que sejam eficazes, de modo a desenvolver e promover a tolerância e empatia, para que se respeitem as diferenças humanas.

## Considerações finais

Considerou-se como resultado desta pesquisa que os professores do Ensino Fundamental analisados têm a percepção sobre o termo *bullying* dentro do contexto escolar. Eles atribuem as práticas do fenômeno entre os alunos à agressão com intenção de ofender, magoar, humilhar, maltratar e intimidar as vítimas. Estas agressões podem ocorrer de forma física ou verbal, ou seja, *bullying* direto ou indireto. Para os professores participantes, o *bullying* não é algo novo, existe há décadas. O *bullying* ganhou forças com as novas tecnologias e nos dias atuais também se manifesta de forma avassaladora por meio do *cyberbullying*.

Os participantes da pesquisa entendem que a opressão como forma de poder ocorre entre os escolares. Esta opressão tem como objetivo ofender e magoar as pessoas para se sentirem superior aos outros, para chamar a atenção dos demais que estão ao redor. Assim sendo, os *bullies* extravasam toda a violência que eles mesmos sofrem em seus lares, e acham que essas atitudes não passam de brincadeiras.

Na perspectiva dos professores participantes dessa pesquisa, há uma necessidade de se orientar os alunos para o respeito, já que todos os participantes relatam ter presenciado algum tipo de violência dentro das salas de aulas que atuam. Diante de tal realidade, eles procuram advertir e reprimir os agressores proporcionando debates, dialogando com os alunos, os orientando sobre a importância de respeitar a diversidade humana dentro da sociedade. Estes professores procuram orientar os alunos para que não ocorra novamente o *bullying*.

O presente trabalho pode contribuir para que os profissionais da área da educação reflitam sobre a violência dentro das escolas e construam uma conscientização de que o *bullying* é um problema existente e que precisa ser discutido de forma a buscar soluções eficazes, a fim de combater as práticas do fenômeno.

As práticas de violência dentro das escolas brasileiras não devem ser vistas como algo banal quando tantos dizem: “na minha época era assim mesmo, nunca ninguém matou ou se matou por isso”. Os tempos são outros, a sociedade muda, as famílias

mudaram e, com isso, a concepção de educar também mudou. Portanto é imprescindível e inevitável que alguns conceitos sejam revistos.

As vítimas sofrem por terem limitações específicas tais como: alunos de inclusão, que tem deficiências de diferentes ordens, síndromes e transtornos. Sugere-se também, através desta pesquisa, outros estudos de casos sobre *bullying*, pois se faz necessário trabalhar a diversidade de gênero, a igualdade, a irmandade, promovendo a paz, o respeito e a empatia, contribuindo para a humanização social. Propõem-se também pesquisas que averiguem se as legislações de combate e prevenção estão sendo efetuadas, se os programas de intervenções contra o *bullying* estão sendo implementados dentro das instituições públicas e privadas dos mais variados contextos. Ainda, recomenda-se buscar em quais espaços dentro do ambiente escolar, o *bullying* é praticado, além das salas de aulas, como relataram os professores participantes dessa pesquisa.

Por fim, as pesquisadoras deixam registrado nesse trabalho um apelo para que o *bullying* não seja visto como comportamento normal, ancorado na justificativa que é algo trivial, uma vez que as pessoas convivem com a violência quase todos os dias de forma direta ou indireta, de manhã, à tarde e à noite. Esta violência tolerada e naturalizada geralmente é propagada por meio de veículos de comunicação ou redes sociais e essa realidade precisa ser repensada.

## Referências

- BAGGIO, L.; PALAZZO, L. S.; AERTS, D. R. G. C. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 142-50, jan. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000100015>
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 35-44, jun. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>
- BECKER, K. L.; KASSOUF, A. L. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. *Nova Economia*, v. 26, n. 2, p. 653-77, maio/ago. 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/2591>
- CARPENTER, D.; FERGUNSON, C. J. *Cuidado! proteja seus filhos dos bullies*. São Paulo, SP: Butterfly, 2011.



CARTH, J. L. *Bullying, racismo e preconceitos na escola: desafio da pedagogia contemporânea*. São Paulo, SP: Clube de Autores, 2012.

CHALITA, G. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. In: CHALITA, G. *Pedagogia da amizade*. 4. ed. São Paulo, SP: Gente, 2008.

COELHO, M. T. B. F. Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 319-30, 2016.

ERIKSON, E. H.; ERIKSON, J. M. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2014.

GUILLAIN, C. *Vencendo o bullying: problemas da vida real*. São Paulo, SP: Hedra Educação, 2012.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília, DF: Líber, 2005.

LINS, M. J. S. C.; SOUZA, C. C. S. Avaliação do desenvolvimento da personalidade moral. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 1004-20, jul. 2018. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362018002601402>

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 5 supl., s164-s72, nov. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>

MALDONADO, M. T. *Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco*. São Paulo, SP: Moderna, 2011.

MALTA, D. C. et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1359-68, abr. 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>

MOURA, R. R. B. S. O fenômeno bullying e suas consequências numa turma do 7º ano do ensino fundamental no município de vertentes Pernambuco. *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras, v. 3, n. 5, p. 210-27, jan./jun. 2013. <https://doi.org/10.18788/2237-1451/rle.v3n5p210-227>

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3509-22, nov. 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação, 2010. p. 95-119.

ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, v. 8, n. 8, jul./dez. 2010.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. *Atlas socioassistencial da cidade de São Paulo*. São Paulo, SP: Coordenadoria do Observatório de Políticas Sociais, 2015.

SILVA, A. B. *Mentes perigosas: bullying*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-38, dez. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200015>

SCHLEGELMILCH, J. et al. Acts of terrorism and mass violence targeting schools: analysis and implications for preparedness in the USA. *Journal of Business Continuity & Emergency Planning*, v. 10, n. 3, p. 280-9, 2017.

TOGNETTA, L. R. P. *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

**Submissão em:** 11-07-2019

**Aceito em:** 22-10-2019